

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 251

Data: 19.05.84

Pg.: _____

Adição do Xingu

CARLOS ALBERTO CHIARELLI
Senador

Negociação, entendimento, diálogo, etc., etc., ditas e repetidas palavras, retoricamente usadas, entre nós, sem o respaldo e o recheio dos fatos. Fala-se muito nelas e até delas, mas age-se pouco. Há um temor íntimo, de um lado, pelo "contágio" decorrente da conversação; há um aparente receio exterior, de comprometimento de imagem casta e fiel, que inibe o gesto inicial da arte política, que é a da conversa aproximadora entre os que discordam.

Estava revendo os jornais de ontem e deparando-me com os txucarramães, pintados de preto, bordunas na mão. Primitivos, nos gestos, na sintaxe, nos adereços grotescos. Um pouco aculturados, com o radinho de pilha colado ao ouvido e com razoável "know-how" na arte de ser entrevistados.

Ali estava a história. Romançada, é verdade, escrita pelo jornalista travestido de Rousseau moderno a exaltar a pureza do autóctone, mas valiosa e respeitável nos seus detalhes. A luta pela terra, o direito de preservá-la, a invasão e as explorações, o tráfico de influências dos grupos econômicos de pressão, a burocracia entorpecedora (incompreensível, muitas vezes, para nós, e inadmissível para os índios), enfim todo um processo de interesses e conveniências, com o qual, em certas ocasiões, o próprio índio, por ingenuidade, omissão ou aparente vantagem imediata, se acumplicia e se acomoda.

Mas agora ocorrera a rebelião. Difícil saber como, por que e de quem surgiu o brado inicial de revolta no Parque do Xingu. Nem é isso que nos preocupa neste momento. O que se viu foi a organização mobilizadora, as operações estratégicas, a forma imediata de ação e pressão. Não foi um gesto abrupto, raivoso, impensado. Foi um projeto implantado, com estratégia requintada e cronograma (não importa que os índios não

conheçam a palavra) definido e rigorosamente cumprido.

Não se está querendo propor a mesma tática, nem condicionar o entendimento ao prévio seqüestro dos eventuais adversários. A idéia não é introduzir nos usos e costumes da boa política a prisão dos negociadores da outra grei.

Mas o que surpreende, estimula e nos faz pensar é a firmeza de posição, o objetivo definido, a consciência plena do querer, fortalecendo a postura adotada e dando conteúdo de legitimidade e permanência a todo o processo de luta, formalmente armada e intrinsecamente diplomática, dos chamados selvagens.

Quem sabe o que quer e por que quer tende a ser exitoso no entendimento; quem encarna e vive uma causa, sem ser mero, circunstancial e mercenário participante do processo, ainda que carregue, às vezes, de paixão sentida e ressentida sua ação, não se deixará surpreender pela fadiga dos sem-propósito, pelo desinteresse dos desanimados e pelo descomprometimento neutro dos que não têm camiseta.

Terena, Mazon, Raoni, esses nomes novos, de gentes antigas, não serão modelares protótipos da arte sutil do jogo político de artes cerebrais. Falta-lhes o polimento da civilização informadora mas, às vezes, também, deformadora.

Deu gosto, porém, ver-lhes a persistência, descobrir-lhes o denodo. Foram paulatinamente definindo prioridades. Mostraram suas armas, mas nunca as usaram; fizeram carrancudas ameaças que nunca pretenderam cumprir, mas que os ajudavam na condução pacientemente artesanal e sorridente negociação.

Usaram — é lógico que alguém lhes ensinou — com maestria os canais de comunicação social, levando para todos os quadrantes a figura do valente primitivo, puro mas não trouxa, bravo mas não agressivo, a defender a causa quase sagrada e, sobretudo, mística, que se vem transferindo de geração à geração.

Não se trata de fazer aqui a epopéia do Xingu, ou de escrever sobre a utopia indígena feita verdade. Seria miopia analítica e deturpação da verdade. Trata-se, isto sim, de tirar de longe, quando já abafado o tantã dos tambores guerreiros, e apagado o fogo de conselho, lições sérias, buscando entender o exemplo dos primitivos. Eles, que se pintam de preto, mascarando-se e adornando-se para a guerra, queriam era negociar a paz. E foram exitosos por meio do conduto rentável da negociação sem temores e do diálogo sem peias e sem entraves, praticado por quem sabe o que quer e não se intimida da aproximação do opositor, a quem "civilizadamente" vai tentar convencer.

Os índios, sem perderem seus ingredientes originais, dos cocares e dos tacapes, sem mudarem a feição assustadora dos lábios barbaramente deformados a denotar prestígio e poder, numa homenagem ao primitivismo com que ainda convivem, souberam encontrar, nos milhares de quilômetros que os distanciam nas longuras do centro-oeste, o caminho da afirmação pelo diálogo.

Enfim, irônica reversão no relógio do tempo, quem sabe a nos cobrar culpas do passado branco, da época quinhentista, quando palavras vãs e luzidias aparências falsas, das bugangas e fantasias, eram enganadoramente "negociadas" com os indígenas.

Talvez nós ainda estejamos discutindo sobre fantasias, nas quais cremos, descrendo; talvez agora não consigamos distinguir a quilharia do produto legítimo pela deturpação produzida no misturar inconsciente e cotidiano de ambos. Talvez a presumível esperteza desconfiada de ontem e de antes, qual "boomerang" cruel se tenha virado contra nós. Possivelmente, sem tacapes, sem flechas e sem rituais de tintas pretas, os txucarramães, na singularidade de quem sabe o que quer, sejam, pelo menos, uma referência de legitimidade e de propósito, nessa hora de incertezas, indecisões e indefinições.